

RELEMBRANDO TEMPOS MAIS ANTIGOS

José Raimundo Gomes da Cruz
Procurador de Justiça de São Paulo aposentado

Não me refiro a poucas décadas, e muito menos às vésperas dos nossos dias. A propósito destes, no Estadão de 23/1/2019, o cronista Leandro Karnal divulgou a crônica intitulada “Com quem conversamos?”, cujo destaque editorial diz quase tudo: “Celular virou um veneno de bolso, lento, deteriorando de forma lenta as relações”.

Volto aos anos 1961 e seguintes. Formado pela Faculdade de Direito da UFMG, em dezembro de 1960, deixei emprego bancário para só me dedicar ao concurso de ingresso no Ministério Público do meu Estado – Minas Gerais (o MP de São Paulo só viria com o concurso de outubro de 1965). Tempos de música e dança de salão. Nas horas dançantes do Minas Tênis Clube de Belo Horizonte, sempre dancei com moças mais novas, o que era mais difícil no DCE – Diretório Central dos Estudantes – que passei a frequentar como aluno da Faculdade referida com apenas 18 anos, no meu primeiro ano de bacharelado.

Comecei a sentir interesse pela Maria Lúcia, com quem completei, em 23/01/2019, 54 anos de casado, quando ela nem completara, ainda, seus 16 anos de idade. Ela nunca frequentara o citado Minas Tênis, nem o DCE. Em dezembro de 1960, dancei com ela no baile de formatura de sua irmã Maria Stella, no salão do Clube Belo Horizonte; também no baile de formatura em engenharia do Paulo, outro irmão da Maria Lúcia e, - outra grande coincidência – numa reunião dançante na casa de amigos comuns. Quando cheguei à casa destes, a Maria Lúcia já se achava presente, com suas duas irmãs – Maria Regina e Maria Stella. Dançamos o tempo todo, mas tratei de falar sobre o concurso de ingresso no Ministério Público do meu Estado de Minas Gerais.

Torna-se oportuno lembrar o estilo de tais horas dançantes familiares. Era moda o uso de long-plays em eletrolas. Em geral, cada disco trazia seis faixas, em média. Muito famosos eram os LPs do músico Valdir Calmon e seu conjunto. Quando acabava a última faixa, o mecanismo da eletrola parava o LP e fazia cair o seguinte, do conjunto sustentado por dispositivo central sobre o LP que acabava de tocar. Isso impunha breve intervalo na dança, permitindo à jovem pedir licença ao seu par. Se se tratasse de casal de namorados ou se a moça estivesse interessada em prosseguir dançando com o mesmo rapaz, ela permaneceria no lugar onde parara, aguardando para dançar com as músicas do novo LP.

1961 chegou com meus detidos estudos para o referido concurso e a realização deste, em meados do ano. Alguns acontecimentos políticos daquele ano retardaram as nomeações, mas pude tomar posse na Comarca de Virginópolis, Vale do Rio Doce, MG, em 18/10/61. Mesmo com rápida ida a BH, em novembro, eu ficaria na comarca até o começo das férias forenses coletivas, de 16/12/61 a 15/1/62.

Coincidência: fui convidado para a mesma festa familiar de dezembro do ano anterior. Outra coincidência: a Maria Lúcia se achava presente, com as suas irmãs mencionadas. Algo não coincidiu: quando cheguei, ela estava dançando com rapaz conhecido meu e grande amigo da casa. Valdir Calmon no toca-discos, percebi que era a

penúltima ou última faixa e fiquei por perto observando. Quando a última faixa acabou, eu contava que a Maria Lúcia pediria licença ao seu par, e então eu a tiraria para dançar.

Ligeiro engano. Mesmo notando a minha presença próxima, ela não pediu licença ao seu par. Percebendo isso, não esperei toda a operação da eletrola para derrubar o LP seguinte sobre o anterior. Dirigi-me ao par da Maria Lúcia – como disse, grande amigo da família da casa – e perguntei se ele não me arranjaria uma cerveja. Todo solícito, ele pediu licença à Maria Lúcia e foi buscar a cerveja que solicitei.

Logo que ele se afastou, tirei a Maria Lúcia para dançar, o que continuamos fazendo até hoje. Não me interessei pelo destino da cerveja por mim solicitada e até posso dizer que prefiro, mesmo, um bom vinho.

Claro que nosso namoro começaria dias depois, com encontros na casa da Rua Gonçalves Dias, perto da Rua Sergipe e, portanto, da Praça da Liberdade. O DCE citado ficava próximo, na mesma Rua Gonçalves Dias.

Vale a pena lembrar que a Maria Lúcia jamais entrou no DCE, clube universitário de dança que deixaria de funcionar como tal em meados dos anos 1960, com a moda do rock and roll, iê-iê-iê e outros ritmos.